

A invisibilidade das mulheres nos artigos científicos sobre vigorexia

Fabiana Loréa Paganini Stein¹

Paula Regina Costa Ribeiro²

Resumo: Este artigo busca analisar como as mulheres são posicionadas nos artigos científicos sobre vigorexia. O *corpus* empírico é composto por artigos das bases *Science Direct* e *Scielo.Org*. Neles, foi abordada a diferença na exigência da beleza em corpos de homens e mulheres para justificar a ênfase no estudo da vigorexia em homens e reafirmadas as desigualdades de gênero nas atividades físicas. Isso nos levou a problematizar os regimes de verdades imersos em relações de poder que produzem sujeitos.

Palavras-chave: Corpos; Vigorexia; Mulher; Enunciações.

The invisibility of women in scientific articles on vigorexia

Abstract: This article aims to analyze how women are placed in scientific articles on vigorexia. The empirical corpus consists of articles from *Science Direct* and *Scielo.Org* databases. These articles address the difference in the requirement of beauty in men and women bodies as a means to justify the emphasis on the study of vigorexia in men, and the gender inequalities in physical activities were reaffirmed. This led us to problematize the regimes of truths engaged in power relations that produce subjects.

Key words: Bodies; Vigorexia; Woman; Enunciations.

Introdução

Sabemos que a sociedade ocidental, continuamente, propõe modelos de beleza corporal que, muitas vezes, são adotados pela população em geral, como corpos magros (SANT'ANNA, 2016) e corpos modificados pela tecnociência (LE BRETON, 2007). Assim, ao longo da história, notamos que práticas sociais vinculadas à beleza e também à saúde vão se modificando e que há uma tendência a uma produção de corpos padronizados, que vão sendo espetacularizados nas mídias e nas redes sociais. Os discursos presentes nesses espaços interpelam muitas mulheres e homens, as/os quais agem em busca do corpo socialmente aceito e que acreditam ser saudável.

1 Doutora em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande-FURG. Mestre em Ciências Fisiológicas pela Universidade Federal do Rio Grande-FURG. Integrante do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (Gese – Furg). E-mail: <fabianap.stein@gmail.com>

2 Doutora em Ciências Biológicas pela UFRGS. Professora do Instituto de Educação e dos Programas de Pós-Graduação: Educação em Ciências e Educação Ambiental da Furg. Pós-Doutorada na Escola Superior de Educação de Coimbra/ Instituto Politécnico de Coimbra. Pesquisadora do Grupo de Investigación en Educación y Sociedad (Gies). Líder do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (Gese). Bolsista produtividade 1C do CNPq.

Vivemos em uma sociedade que exige, constantemente, um investimento sobre os corpos, o que causa, muitas vezes, o desenvolvimento de comportamentos considerados patológicos pela medicina, entre eles os associados à vigorexia, foco desse estudo. Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - 5ª edição (DSM-V), a vigorexia ou dismorfia muscular foi denominada como um transtorno em que o indivíduo que possui uma potencialização muscular acima da média acredita que sua estrutura corporal seja muito pequena e insuficientemente musculosa (APA, 2014). Esse transtorno foi considerado uma especificação dos Transtornos Dismórficos Corporais no capítulo Transtorno Obsessivo-compulsivo e Transtornos Relacionados.

Na Classificação Internacional de Doenças e Problemas relacionados à Saúde, a CID-11, publicada em 2018, a dismorfia muscular aparece, pela primeira vez, como uma subcategoria do transtorno dismórfico corporal, igualmente, no capítulo intitulado Transtornos Obsessivo-compulsivos ou Relacionados. Essa inclusão, nesses sistemas diagnósticos, reflete o debate sobre normalidade e psicopatologia que, de acordo com Paulo Dalgalarro (2019, p. 42), é “interessado, repleto de valores (explícitos ou não), com conotações políticas e filosóficas (explícitas ou não) e conceitos que implicam o modo como milhares de pessoas serão situadas em suas vidas na sociedade”.

Dessa maneira, a ciência já constituiu a vigorexia como um transtorno que precisa ser diagnosticado e tratado, considerando os corpos vigoréticos como fora da normalidade e, em consequência, passíveis de serem patologizados. Transitando entre esses conceitos do normal e do patológico (FOUCAULT, 2002; PORTOCARRERO, 2004; CANGUILHEM, 2009), passamos a investigar a vigorexia nas mulheres, uma vez que observamos o surgimento, na última década, de uma série de discursos acerca de um outro estereótipo de corpo feminino, magro, mas com a musculatura definida (mulher “bombada”³). Isso poderia levar a comportamentos associados à vigorexia, os quais estariam fora da normalidade, como aponta o DSM-V:

A maioria (mas não todos) faz dieta, exercícios e/ou levanta pesos excessivamente, às vezes causando danos ao corpo. Alguns usam esteroides anabolizantes perigosos e outras substâncias para tentar deixar seu corpo maior e mais musculoso (APA, 2014, p. 243).

No contexto atual, além do estabelecimento de novos padrões de beleza, estamos cercados(as) por inúmeros estímulos para “cuidar” do nosso corpo, o que inclui a dedicação ao trabalho muscular nas academias de ginástica e musculação. Entendemos que estudar a vigorexia, a qual foi produzida pela ciência como um transtorno, é um assunto de bastante relevância para a promoção da saúde, bem como para ser abordado em diferentes instâncias culturais – escolas, academias, revistas, vídeos, entre outros –, que são espaços que nos educam, contribuindo à formação de nossas identidades e subjetividades. A reflexão sobre a vigorexia, nesses espaços, também se justifica porque a prática da hipertrofia muscular fica em uma linha tênue entre transtorno e modo de vida.

A fim de conhecermos algumas enunciações que a ciência produziu, a respeito das mulheres, ao investigar a vigorexia, passamos a analisar, a partir de um olhar pós-estruturalista inspirado em Michel Foucault, artigos científicos de diferentes campos do saber. Tais artigos abordam essa temática e foram encontrados nas bases *Science Direct* e *Scielo.Org*⁴.

3 Termo utilizado, na linguagem não formal, para designar aquelas mulheres que apresentam a musculatura bastante desenvolvida, podendo, ou não, haver a utilização de esteroides anabolizantes.

4 Este artigo é um recorte dos estudos que realizamos no Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande-FURG, nos quais buscamos investigar como a Ciência vem constituindo a mulher vigorética.

Ao realizarmos a pesquisa, observamos que os artigos encontrados não se propunham, em sua maioria (76,9%), a olhar esse transtorno em mulheres, o que nos fez perceber a invisibilidade das mulheres quando o assunto a ser pesquisado é a potencialização muscular. Então, passamos a investigar o que estava sendo dito (a produção de verdades) a respeito dos corpos das mulheres nesses artigos, considerando que os discursos científicos e de gênero são produzidos em uma determinada cultura e vão instituindo subjetividades de homens e mulheres.

O Discurso Científico e a Produção das Verdades

Entendemos, a partir das teorizações foucaultianas, que precisamos suspeitar, de forma permanente, dos jogos de verdade associados à valorização da razão, em especial, dos discursos da ciência. Segundo Foucault (1995), não se trata de recusar a verdade verificada, mas sim de questionar a forma como o saber circula e está relacionado ao poder.

Partimos do entendimento de que o discurso é capaz de instituir verdades (FOUCAULT, 2006) e subjetividades, ou seja, ocorre a produção do sujeito, dos modos de existência, a partir de produções discursivas que atendem a determinados interesses de cada época. Nesse sentido, muitas vezes autorizadas a falar - filósofos(as), médicos(as), cientistas, entre outros(as) - foram e continuam instituindo os modos de ser e de estar dos sujeitos, de produção de seus corpos por meio do discurso. Desse modo, partimos das verdades, presentes nos discursos científicos, sobre a vigorexia, para buscarmos entender como a mulher vem sendo produzida, especialmente quando o alvo é o estudo de corpos musculosos.

O saber científico pode se transformar em um discurso e ser usado para disciplinar os corpos dos sujeitos. Para Foucault (2005b), existem dois mecanismos complementares e articulados, entre si, para que o poder seja exercido, que são os mecanismos disciplinares e regulamentadores. Esses, por sua vez, estão ligados, respectivamente, ao poder disciplinar (dirigido ao corpo individual) e ao biopoder (dirigido à multiplicidade de indivíduos). Tais mecanismos são articulados pela norma, a qual é o elemento “que permite a um só tempo controlar a ordem disciplinar do corpo e os acontecimentos aleatórios de uma multiplicidade biológica” (Ibid., p. 302). A partir da norma, os indivíduos passam a ser comparados, e aqueles que estão à margem dela são considerados indesejáveis. Isso acontece, também, em relação ao que foi instituído pela ciência como um corpo saudável.

As práticas corporais, e aqui incluímos a vigorexia, constituem-se de estilos de vida, elas marcam corpos e instituem subjetividades como consequência de inúmeras possibilidades, tais como: arte, irreverência, religião, experiências de vida, pertencimento a um grupo, entre outras. Entretanto, o limite entre o normal e o patológico torna-se muito tênue.

Nesse contexto, o discurso científico tem um papel fundamental no estabelecimento de “verdades”, sendo muitas vezes utilizado pelo biopoder, essa outra forma de poder que se instala na sociedade e que se vale da biopolítica, com mecanismos reguladores, para atingir os seus objetivos. Esse discurso busca disciplinar as práticas corporais na cultura e, assim, os corpos, imersos em relações de poder exercidos por ambos (ciência e cultura), vão se constituindo para corresponder ao que a sociedade considera como belo e saudável, bem como adequado aos gêneros. Todavia, esses limites, muitas vezes, são ultrapassados. Nesse sentido, passamos a discutir, a seguir, a relação das práticas corporais com o gênero.

O Discurso de Gênero e as Práticas Corporais

Ao pensarmos nas práticas corporais, em especial, nas atividades físicas associadas à definição da musculatura, não podemos deixar de refletir que estão presentes questões de gênero. Assim, esse é um conceito importante para entendermos algumas desigualdades vinculadas a essas práticas.

O conceito de gênero vem sofrendo deslocamentos ao longo dos anos, mas há um consenso de que seja uma construção social e histórica, ou seja, algo que compreende diferentes instâncias, como: a família, a religião, o Estado, a escola, entre outras. Essas instâncias produzem, ao longo dos anos, as formas de ser e de estar das pessoas conforme o que se espera para os diferentes gêneros.

De acordo com Joan Scott (1995, p. 72), o conceito de gênero teria emergido com as feministas americanas, as quais o utilizavam para “ênfatar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo” e “o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade”. Dessa maneira, essas correntes de pensamento rejeitavam o determinismo biológico vinculado ao sexo, isto é, as explicações biológicas para afirmar por que a mulher deveria ser subordinada ao homem, acreditando que não seria possível compreender qualquer um dos sexos se não fossem realizados estudos relacionais entre eles. Para a autora (Ibid., p. 75), “o termo *gênero* torna-se uma forma de indicar *construções culturais* - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres”.

Atualmente, Judith Butler (2018, p. 187) tem se destacado por problematizar esse conceito. Ela afirma que o gênero “é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*” e, desse modo, a produção do gênero mantém uma relação com a temporalidade social. Nesse sentido, os indivíduos performam um modelo ou um estilo determinado pela cultura e socialmente estabelecido, o qual seria apoiado por sanções sociais e pelos tabus. Durante nossos estudos, observamos que as inscrições de gênero estão muito presentes nos corpos, especialmente nos das mulheres, de maneira que sejam estigmatizados aqueles que escapam do que é socialmente imposto como uma estética ideal, um estilo adequado aos sujeitos femininos.

Para Butler (2018, p. 155), sexo, gênero e a heterossexualidade são historicamente construídos(as), existindo uma “assimetria socialmente constituída”. Essa autora também afirma que as pessoas só serão inteligíveis se o seu gênero estiver em conformidade com os padrões que são reconhecidos para os corpos femininos ou masculinos. Logo, ideias de masculinidade e feminilidade estão sendo produzidas de forma muito diferenciada, havendo uma performatividade diferenciada para os gêneros. Ao defender a ideia de que o gênero é performativo, ela destaca que a sociedade nos impõe práticas entendidas como femininas ou masculinas, as quais devem corresponder à materialidade biológica dos corpos.

Assim, entendemos que as masculinidades e feminilidades são uma construção. Em relação à imposição da binaridade, nas formas de ser masculino ou feminino, Joanalira Magalhães e Paula Ribeiro apontam que é preciso desconstruir essa visão:

[...] não estamos negando a materialidade biológica dos corpos, ou seja, que o pênis e a vagina não sejam marcas biológicas, mas procuramos pensá-las imbricadas às práticas culturais e discursivas que nos ensinam os sentidos que passamos a atribuir aos corpos e as inscrições de gêneros neles expressas (2019, p. 125).

Portanto, não é a presença da vagina ou do pênis que definirá a forma como cada indivíduo produzirá seu corpo e seu gênero. Além disso, não é essa existência que determinará quais atividades esportivas e físicas ele pode praticar, como, por exemplo, a hipertrofia muscular.

Dessa forma, os discursos de gênero voltados para a biologia dos corpos, por muito tempo, têm definido o que é do âmbito feminino e masculino em termos de práticas corporais. No início da década

de 1930, no Brasil, por exemplo, “exercícios intensos e envolvendo força seriam incompatíveis com a personalidade ‘naturalmente’ mais calma e reservada da mulher, bem como com suas funções reprodutivas” (ALTMANN, 2017, p. 9).

Nesse contexto, muitas mulheres não conseguem escapar da norma que institui o modelo ideal de feminilidade contemporânea. Há um estranhamento em relação aos corpos musculosos em mulheres, pois existe uma relação muito forte da materialidade biológica, o músculo, com a masculinidade, já que ele está associado à força esperada para os homens.

Corpos vigoréticos e, desse modo, musculosos, são continuamente associados a homens levantadores de peso e/ou fisiculturistas e muito pouco a mulheres, conforme ficou claro a partir da quantidade diferenciada de artigos, presentes nas bases por nós investigadas, que abordam a vigorexia em homens e mulheres. Nesses artigos, as mulheres aparecem, na maioria das vezes, buscando um corpo com atributos associados ao gênero feminino ou para justificarem o estudo da vigorexia em homens.

Nesse viés, Viviane Silveira e Alexandre Vaz (2014, p. 458) destacam que “a feminilidade convencional não incorpora imagens de força física e musculabilidade”, o que, para nós, justificaria esse estranhamento em relação à existência de vigorexia em mulheres.

Considerando a produção dos corpos pela cultura e pelo discurso científico, os quais estão imersos nas questões de gênero, será apresentada a metodologia que utilizamos para a realização da pesquisa com os artigos científicos que tratam da vigorexia. É preciso deixar claro que daremos ênfase ao que é abordado acerca das mulheres.

Caminhos Metodológicos

A pesquisa foi realizada a partir da análise de artigos publicados nas bases de dados *Science Direct* e Scielo.Org, presentes no portal da CAPES (www.portalcapes.com.br). A escolha dessas bases deu-se pelo fato de disponibilizarem artigos completos e em diferentes campos do saber.

Os artigos foram pesquisados entre os anos de 1993 (ano em que a anorexia reversa ou vigorexia foi mencionada pela primeira vez na comunidade científica, mais especificamente, nos Estados Unidos) e 2016 (até o mês de setembro⁵). A partir dos descritores: “vigorexia”, “bigorexia”, “*muscle dysmorphia*”, “*muscle dysmorphism*”, “*body dysmorphic disorder*” e “*reverse anorexia*” associados a “*woman*” ou “*women*” foram encontrados 171 artigos na *Science Direct* e 22 no Scielo.Org. Para o recorte do *corpus* de análise, foram excluídos os artigos repetidos, os que tinham outros focos, que não a vigorexia; os que estavam em outro idioma, além do inglês, do espanhol e do português; e aqueles que não estavam disponibilizados de forma completa nessas bases de dados.

Após a seleção, ficamos com um total de 52 artigos (36 na base *Science Direct* e 16 na base Scielo.Org). Nesse estudo, no entanto, analisaremos 40 artigos, que foram recuperados quando colocamos os descritores “*woman*” e “*women*” ou que traziam enunciações sobre as mulheres, mas que não pesquisaram a vigorexia nelas. Nosso interesse se centrava em saber o que estava sendo dito sobre os corpos das mulheres nesses artigos, já que, estando em um artigo sobre vigorexia, não eram o foco da pesquisa.

As análises foram feitas a partir da perspectiva teórica dos estudos foucaultianos, considerando-se que Michel Foucault (2006b) apresenta os seus livros como caixas de ferramentas. Assim, justificamos

5 Período em que foi iniciado o Doutorado e realizada a produção dos dados para análise.

que algumas dessas ferramentas, tais como discurso, poder e enunciação, foram escolhidas, nessa pesquisa, por acreditarmos estarem relacionadas ao *corpus* de análise. Tivemos, como foco, o exame minucioso do que estava sendo dito a respeito das mulheres nesses artigos, ou seja, identificar excertos que remetessem às vozes autorizadas, aos campos do saber, à diferenciação entre corpos femininos e masculinos e aos discursos sobre magreza e corpos hipertrofiados. Consideramos, nas formações discursivas, a série e a regularidade com que apareciam, visto que a nossa intenção era investigar a produção dos corpos das mulheres por diferentes campos do saber que pesquisam a vigorexia.

Segundo Foucault (2005, p. 114), haverá enunciação “cada vez que um conjunto de signos for emitido”. Dessa forma, consideraremos, como enunciações, aquilo que foi dito sobre os corpos de mulheres pelos(as) autores(as) dos artigos científicos, falas que fazem parte da rede discursiva presente na comunidade científica e que instituem verdades sobre os corpos de homens e mulheres. Algumas dessas enunciações serão apresentadas e analisadas a seguir.

Os Ditos dos Artigos

Ao nos propormos a analisar as enunciações⁶, presentes nos artigos científicos, pretendemos, amparadas pelas teorizações de Foucault, investigar como as mulheres são posicionadas e que relações de poder e de saber estão relacionadas a esses dizeres. Não procuraremos determinar se é verdadeiro ou falso o que está nas enunciações, nem ir além do que está dito, do visível. Nesse intento, analisamos os 40 artigos na totalidade e elencamos algumas das enunciações presentes no discurso científico, as quais representam as ideias sobre os corpos das mulheres, indicando a qual campo do saber fazem parte. Essas enunciações também foram organizadas de acordo com as temáticas recorrentes nos artigos analisados e percebemos que, na maioria dos artigos, as mulheres eram apresentadas de forma relacional ao homem, indicando que as áreas que pesquisam a vigorexia, nessas bases de dados, são atravessadas pelas relações de gênero.

Em um primeiro momento, buscamos conhecer quem eram as vozes autorizadas a falar a respeito da vigorexia. Constatamos que os/as autores(as) eram pesquisadores(as) de universidades, institutos de pesquisa e hospitais localizados na Espanha, nos Estados Unidos, no Reino Unido, na Austrália, no Brasil, na Hungria, na Alemanha, na Colômbia, no Chile e no México, com predomínio do número de publicações nos Estados Unidos (45% dos artigos), o que acreditamos que ocorra por ter sido nesse país que as pesquisas que tratam da vigorexia iniciaram.

Outro aspecto analisado refere-se aos campos de saber a que pertenciam as publicações encontradas sobre vigorexia, a saber: psiquiatria, educação física, fisioterapia, medicina, psicologia, neurobiologia e nutrição, sendo a maior parte das publicações pertencente à psicologia (47%). Nessas áreas, percebemos que os conceitos e as perspectivas que estão mais presentes, nos discursos apresentados, foram os relacionados ao discurso da saúde, com predomínio nas áreas de psicologia e de psiquiatria, sendo que, na psiquiatria, alguns artigos (18%) mencionam o fato de a vigorexia estar relacionada a um estilo de vida.

Ainda, um aspecto observado, por nós, é o fato de que, na maioria das vezes, as enunciações sobre as mulheres estavam na introdução desses artigos, com foco em suas práticas corporais, na produção diferenciada de seus corpos em relação aos homens, ou como justificativa para a realização do estudo da vigorexia em homens. Portanto, neles não era abordada, propriamente, a vigorexia em mulheres.

6 Devido ao limite de caracteres indicados para o trabalho, não foi possível incluir todas as enunciações encontradas nos artigos, sendo necessário nos restringirmos a uma amostra delas. As enunciações foram traduzidas pelas autoras.

Quanto aos sujeitos investigados, nas pesquisas analisadas, podemos dizer que eram: levantadores de peso, fisiculturistas, pessoas que frequentavam academias, centros de saúde, agências de modelos, trabalhadores(as) de boutiques de moda, estudantes, meninas e meninos adolescentes, homens adultos com sintomatologia de transtorno alimentar, satisfação/insatisfação corporal e insatisfação muscular. Também faziam parte, desses estudos, homens e mulheres universitários(as); homens frequentadores de academias e lojas de suplementos alimentares; veteranos(as) de guerra e homens praticantes de treinamento de força.

Apresentamos, a seguir, as enunciações as quais constituem um discurso que diferencia a forma como homens e mulheres produzem seus corpos seguindo os imperativos da sociedade em relação à forma que o corpo deve ter para ser valorizado. Esse discurso estava presente nas áreas de medicina, psicologia e psiquiatria.

Embora homens e mulheres sofram de preocupações com a imagem corporal, essas preocupações tendem a diferir de acordo com os padrões masculinos e femininos para um corpo atrativo (KELLEY et al., 2010). PSICOLOGIA

Se os valores estéticos foram evoluindo, ao longo do tempo e da sociedade em que estão inseridos, também é verdade que a maior pressão foi principalmente focada na mulher (IBARZÁBAL; TUBÍO, 2008). PSICOLOGIA

Pesquisas demonstraram que os “corpos ideais” masculinos e femininos diferem significativamente (ALFANO et al., 2011). MEDICINA

[...] quando homens e mulheres exibem idênticos comportamentos de checagem (por exemplo, o de verificarem seu peso numa balança), suas motivações para isso podem ser muito diferentes (ALFANO et al., 2011). MEDICINA

A preocupação excessiva com o corpo e os transtornos relacionados a alterações de imagem corporal pareciam acometer, até recentemente, quase que exclusivamente indivíduos do sexo feminino (ASSUNÇÃO, 2002). PSIQUIATRIA

Essa diferenciação, na produção dos corpos de homens e mulheres, buscando aquele que será valorizado pelos pares ou para ter um melhor enquadramento social (homens, geralmente, buscando a musculatura desenvolvida e mulheres, um corpo magro com melhoria do tônus muscular), está muito ligada ao momento da história e às verdades que circulam, sendo considerado normal aquele que está dentro dos padrões esperados pela sociedade. Nesse contexto, mecanismos de poder, que atuam na produção de saberes sobre os corpos, definem as maneiras como homens e mulheres devem produzir e perceber seus corpos, de modo a sempre considerarem as masculinidades e feminilidades padronizadas. Segundo Denise Sant’Anna:

[...] o corpo é visto menos como aquilo que se tem ou o que se é, para ser considerado um material carente de renovação constante, caso contrário, com prazo de validade vencido, ele corre o risco de estragar e ser descartado (2014, p. 179).

Nesse sentido, para que seus corpos não sejam descartados, homens e mulheres, de formas diferentes, como apontado nas enunciações, buscam adequar-se a essa modernidade líquida⁷ na qual vivemos, em que a linha de chegada, na corrida dos(as) consumidores(as), está sempre se movendo, e é a possibilidade de fazer parte dessa corrida que se torna um vício (BAUMANN, 2001). A maioria das pessoas corre atrás do corpo considerado padrão para o grupo do qual faz parte, incluindo-se corpos magros, corpos musculosos, corpos *plus size*, entre outros.

⁷ Modernidade líquida é um conceito apresentado por Zigmund Baumann que corresponde ao momento histórico que vivemos hoje, em que “os padrões e configurações não são mais ‘dados’ e menos ainda ‘autoevidentes’; eles são muitos, chocando-se entre si e contradizendo-se em seus comandos conflitantes [...] Chegou a vez da liquefação dos padrões de dependência e interação” (BAUMAN, 2001, p. 15).

Além disso, essas enunciações, encontradas nos artigos científicos sobre vigorexia, também reforçam o binarismo homem/mulher e a produção dos corpos generificados. Nesse viés, Carla Grespan (2015) aponta que os discursos científicos, ao estarem sob a lógica classificatória binária, fazem com que os seres humanos sejam diferenciados pelas características anatômicas corporais e legitimam atitudes arbitrárias na produção desses corpos.

De acordo com o apontado em uma das enunciações destacadas anteriormente, a pressão sobre a produção de um corpo dentro dos padrões é maior no que se refere à mulher, talvez como uma consequência do desempenho esperado para homens e mulheres ao longo da história, ou seja, os homens com um maior destaque na vida pública e as mulheres na vida doméstica. Portanto, os homens tinham outras formas de conquistar a aceitação social pela atuação profissional, dinheiro e poder, e as mulheres precisavam ter um corpo saudável para o seu papel de mãe. Esse cuidado com o corpo das mulheres também foi mencionado por Foucault (1999, p. 137): “a medicalização minuciosa de seus corpos, de seu sexo, fez-se em nome da responsabilidade que elas teriam no que diz respeito à saúde de seus filhos, à solidez da instituição familiar e à salvação da sociedade”.

As enunciações a seguir indicam que há diferença entre homens e mulheres na busca pela magreza (com maior ênfase dos transtornos alimentares em mulheres) e pela musculatura. As áreas de medicina, psicologia, psiquiatria e nutrição enfatizam essas questões.

[...] essas duas dimensões da imagem corporal, o direcionamento para a magreza e o direcionamento para a musculatura precisam ser consideradas quando são examinadas as preocupações corporais de homens e mulheres, pois eles respondem de diferentes maneiras a essas dimensões (KELLEY et al., 2010). PSICOLOGIA

A grande importância dada ao peso e a forma prediz o gênero feminino, bem como o direcionamento para a magreza (ANDERSON; BULIK, 2004). PSIQUIATRIA

A prevalência de compulsão alimentar e de dieta estrita foi alta em adolescentes brasileiros de baixa renda e as mulheres correm maior risco de desenvolver transtornos alimentares do que os homens (FERREIRA; VEIGA, 2008). NUTRIÇÃO

Desta maneira se geram ideais corporais que enfatizam a magreza nas mulheres e o desenvolvimento muscular nos homens, e que implicam em pressões cuja internalização se transforma em mediadora do aparecimento de transtornos principalmente afetivos, de ansiedade e alimentares (BEHAR; ARANCIBIA, 2015). PSIQUIATRIA

Courtney Kelley, *et al.* (2010) explicam que homens e mulheres respondem de diferentes maneiras em relação às duas dimensões da imagem corporal porque esses autores encontraram, como resultado da pesquisa que realizaram, que, enquanto as mulheres desejavam ser magras, homens desejavam ser musculosos. Para esses(as) estudiosos(as), tais desejos estariam associados, nas mulheres, a maiores taxas de transtorno alimentar, baixa autoestima corporal e níveis mais altos de ansiedade em relação ao corpo e, nos homens, o desejo pela musculatura estaria relacionado com a elevada taxa de preocupação e de compulsão em relação ao corpo.

Ao examinar essas enunciações, constatamos que, recorrentemente, os/as pesquisadores(as) apontaram a magreza como sendo do âmbito feminino, e isso nos levou a refletir sobre as relações de poder e saber que movem esse discurso. Segundo Freitas *et al.* (2010), o marco temporal, para a mudança estética do corpo, com a valorização da magreza, ocorreu nas primeiras décadas do século XIX, mudança essa que também chegou ao Brasil por meio das tecnologias de reprodução de imagens (fotografias, cartões postais), que traziam corpos cada vez mais delgados como consequência da sociedade industrial, tornando-

os um fenômeno da moda. Mais tarde, esse cuidado com a magreza passou a implicar na capacidade de as mulheres serem empreendedoras de si mesmas.

O cuidado com o corpo, associado à magreza, era uma marca do autocontrole que a mulher possuía. Enquanto “o corpo magro é um testemunho do poder da autodisciplina” (LUPTON, 2000, p. 24) para a mulher, a musculatura desempenha esse papel para o homem.

Nessa busca pela magreza, ocorre também a atuação das técnicas de si, apontadas, por Foucault, como uma das tecnologias que atuam na constituição das subjetividades dos sujeitos e que permitem aos indivíduos efetuarem transformações de seus corpos visando certo estado de felicidade. Para Foucault, essas técnicas de si, essas artes da existência, em relação aos seres humanos:

[...] devem ser entendidas como as práticas racionais e voluntárias pelas quais os homens não apenas determinam para si mesmos regras de conduta, como também buscam transformar-se, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e que corresponda a certos critérios de estilo (2017, p. 193).

Nesse sentido, as enunciações que foram apresentadas anteriormente refletem a atuação da tecnologia de si, no sentido de que a conquista do corpo magro, pelas mulheres, poderá gerar uma grande satisfação pela capacidade de controle sobre seu próprio corpo, resultando em prazer e alegria. Desse modo, a tecnologia de si implicará em uma reflexão acerca da maneira de regular a conduta de acordo com os valores estéticos dos corpos.

Todavia, a sociedade do consumo em que vivemos influencia essas condutas e contribui com a eterna insatisfação que muitos indivíduos possuem em relação a seus corpos. Novos produtos e novas práticas corporais circulam, em nossa sociedade, sendo, continuamente, lançados e divulgados pelas mídias e pelas redes sociais, de modo a nos desafiar a obtê-los.

Porém, o foco no corpo perfeito pode gerar sentimentos de insatisfação e desencadear transtornos alimentares, como a anorexia e a bulimia, ou transtornos dismórficos corporais, como vigorexia. Alimentar-se com o mínimo para viver ou exercitar-se de forma excessiva e compulsiva tornam-se os únicos caminhos para muitas pessoas sentirem-se aceitas na sociedade. Há, nesses casos, uma grande preocupação com a imagem corporal, contrapondo-se com à busca do corpo magro ou musculoso apenas como um estilo de vida.

Nessa lógica, Francine Bravo e Josiane Domingues (2018) observam que, para muitas pessoas, a busca pela magreza é considerada um estilo de vida, um símbolo de exaltação e um elemento importante de afirmação de jovens. Nesse intuito, muitos indivíduos vão produzindo verdades e conhecimentos sobre essa temática. Ocorre, portanto, a circulação de mensagens, pelas mídias e pelas redes sociais, dos ganhos que podem ser obtidos pelo empenho em se conseguir o corpo magro, aquele considerado corpo ideal para uma determinada cultura.

Com a maior visibilidade dada à anorexia e à bulimia, a sociedade passou a se questionar acerca do valor atribuído a esses corpos difíceis de serem obtidos, e isso também propiciou maior divulgação de transtornos físicos e psíquicos que antes faziam parte apenas dos círculos médicos (SANT'ANNA, 2016). Tornou-se importante, como medida biopolítica, chamar a atenção da população para a questão de que os exageros, na obtenção de um corpo saudável, acabavam por comprometer a saúde física e mental dos indivíduos. Assim, incluir algumas práticas corporais como transtornos, nos sistemas de diagnósticos, como o DSM e a CID, conforme aconteceu com a vigorexia e com os comportamentos obsessivos e compulsivos associados a ela, seria necessário para aqueles(as) que a produzem como um estado patológico.

Logo, passou-se a discutir o que seriam os comportamentos normais e patológicos em termos de produção dos corpos. As práticas sociais, por sua vez, passaram a engendrar e a fazer circular saberes sobre o indivíduo normal ou anormal a partir de práticas de controle, vigilância e do exame, práticas de normalização que funcionam como procedimentos de inclusão e exclusão social (PORTOCARRERO, 2004).

De acordo com o apontado por Georges Canguilhem (2009), a prática médica estabelece os padrões de normalidade e entende que o corpo saudável é aquele que está dentro da norma. Para o autor, é o sofrimento e não o desvio do padrão que deve caracterizar o estado patológico. Então, as verdades presentes nos discursos científicos, em relação ao normal e ao patológico, começaram a ser questionadas.

A busca pelo corpo hipertrofiado, hoje considerado o corpo ideal por muitas pessoas, pode ultrapassar o limite estabelecido pela prática médica entre o saudável e o patológico, surgindo, também entre as mulheres, o transtorno denominado vigorexia (ou dismorfia muscular), como apontam as enunciações:

Ambos mulheres e homens são afetados pela MD. Entretanto, parece ser um problema diagnosticado desproporcionalmente entre homens (GONZÁLEZ-MARTÍ et al., 2012). EDUCAÇÃO FÍSICA

Entretanto, é possível que mulheres e homens que não são levantadores de peso possam desenvolver a MD (BABUSA et al., 2015). PSICOLOGIA

Assim, a contribuição da MD para a teoria sobre OCSDs poderia ser a presença de um transtorno de imagem que ocorre predominantemente em homens em oposição aos ED que ocorrem predominantemente em mulheres... (HILDEBRANDT et al; 2006). PSIQUIATRIA

As enunciações encontradas nas áreas de educação física, psicologia e psiquiatria mostram que a dismorfia muscular (vigorexia) está presente tanto em homens quanto em mulheres, mas até mesmo o DSM-V, ao descrevê-la, caracteriza-a como ocorrendo “quase exclusivamente no sexo masculino” (APA, 2014, p. 245). Essa afirmação vem ao encontro do fato de termos encontrado pesquisas voltadas aos homens na maioria dos artigos sobre vigorexia presentes nas bases de dados selecionadas. Isso indica, da mesma forma, que esse sistema de diagnóstico é atravessado pelas questões de gênero.

Entendemos que, na busca pelo corpo musculoso, estão presentes os mecanismos da disciplina destacados por Foucault: vigilância hierárquica, exames individuais e exercícios repetitivos em uma tentativa de adestramento do corpo (FOUCAULT, 1999b), mas também percebemos, nessa busca, a atuação da biopolítica, em que o objeto do poder passa a ser a população. Com isso, desloca-se de um fenômeno individual para um fenômeno de massa, e a preocupação é manter a população em equilíbrio, com a intenção de fazê-la viver (FOUCAULT, 2005b).

A partir do consumo de produtos de saúde, *fitness* e beleza, surgem novas possibilidades de corpos que podem estar associados a uma questão de superação de limites. Além disso, mulheres com a musculatura desenvolvida são vistas como adaptadas aos novos tempos, em que é preciso que haja disputa no trabalho e nos relacionamentos (SANT’ANNA, 2016). Contudo, essa prática ainda está sob suspeita, conforme indicam Angelita Jaeger e Silvana Goellner:

Ainda que bastante presente no cenário urbano, a potencialização muscular não é uma prática corporal isenta de interrogações e/ou receios, principalmente quando a musculação e/ou o fisiculturismo são praticados por mulheres. Em diferentes artefatos culturais e mesmo na fala de mulheres e de homens, são recorrentes as preocupações em relação ao nível de extrapolação do volume muscular, que não raras vezes, assume tons temerosos, pois é identificada como uma prática que pode colocar em questão a feminilidade de quem a vivencia (2011, p. 956).

Então, por um lado, o aumento do volume muscular parece garantir uma igualdade de oportunidades para homens e mulheres e uma posição de menos fragilidade para as mulheres. Por outro lado, começa-se a questionar essa modificação que vai contra aquele que se considerou o padrão de feminilidade por muito tempo, isto é, um corpo sem a musculatura hiperpotencializada.

Segundo apontam as enunciações destacadas anteriormente, homens e mulheres que fogem da normalidade imposta pelos mecanismos de poder passam a fazer parte de um grupo de pessoas com transtornos mentais instituídos pela comunidade científica. Entre esses transtornos, está a dismorfia muscular, também conhecida como vigorexia.

No entanto, a partir da leitura dos artigos científicos, percebemos que o que esses homens e mulheres desejam, ao buscar a hipertrofia muscular, é a valorização, que hoje se dá muito mais pela exterioridade dos corpos. No pensamento de David Le Breton (2007, p. 29), “o corpo torna-se emblema do *self*. A interioridade do sujeito é um constante esforço de exterioridade, reduz-se à sua superfície. É preciso se colocar fora de si para se tornar si mesmo”.

Essa busca pela hipertrofia muscular pode estar relacionada, também, à insatisfação das mulheres com o próprio corpo e com a pressão cultural que decai sobre elas. Além disso, um corpo musculoso está relacionado com a questão de superação de todos os padrões, ou seja, da aptidão, um termo apresentado por Zigmunt Bauman (2001). Esses corpos conquistados precisam ser mostrados, pois vivemos na Sociedade do Espetáculo (DEBORD, 2003), uma sociedade que só considera bom, só valoriza aquilo que é espetacularizado. Nesse contexto, os corpos sarados, divulgados por ela, precisam ser copiados. Artistas mulheres e influenciadoras digitais, como Gracyanne Barbosa, Juju Salimeni e Eva Andressa, as quais produziram modificações corporais em termos de hipertrofia muscular, são cada vez mais populares.

Ademais, a prática de esportes, em sua maioria, exige que os corpos tenham baixo peso e musculatura desenvolvida, o que poderia contribuir com esse desejo pelo corpo musculoso. Carmem Lúcia Soares destaca que:

Pode-se afirmar que jamais essa atenção ao corpo e à aparência mobilizaram tantas referências, tantas políticas, incluindo aí as políticas públicas de esporte e lazer [...] trata-se, hoje, de fazer o indivíduo *desejar* os controles exteriores traduzidos, entre outras coisas, por uma responsabilidade dele consigo próprio, tornando-se *um manager de seu corpo* (2008, p. 75, *grifos da autora*).

Nesse viés, as pessoas realizam operações sobre seus corpos, modificam suas condutas, na busca do reconhecimento pela capacidade de serem empreendedoras de si mesmas, em uma tentativa de elevarem a autoestima.

Por fim, a análise das enunciações que, de alguma forma, abordavam a mulher nos artigos científicos sobre a vigorexia, fez-nos perceber as verdades associadas a mecanismos de poder, que estavam sendo produzidas sobre os corpos das mulheres por diferentes campos do saber, os quais investigam a vigorexia. Essas verdades estão relacionadas às mudanças culturais, sociais e econômicas, à valorização do saber científico e, igualmente, às questões de gênero, visto que, na maioria das enunciações analisadas, havia uma vontade de mostrar as mulheres em relação aos homens.

Considerações Finais

A partir das análises realizadas, notamos que os corpos vêm sendo produzidos por diferentes campos do saber e instâncias culturais. Além disso, observamos que os discursos científicos e de gênero produzem corpos de homens e de mulheres com diferentes percepções e desejos corporais, reforçando as

desigualdades de gênero nas atividades físicas, as quais, segundo Helena Altmann (2017, p. 10), junto com as atividades esportivas “estão inseridas em um contexto mais amplo de desigualdades presentes em outras esferas sociais”.

Com base na leitura dos artigos científicos, verificamos que as pesquisas que foram realizadas nas áreas da medicina, nutrição, psicologia, psiquiatria apresentavam enunciações que estavam relacionadas à forma diferenciada como homens e mulheres produzem seus corpos. Já as enunciações da área da educação física, referiam-se mais à existência da vigorexia em homens e mulheres, indicando, no entanto, uma maior frequência entre os homens.

A medicina e a psicologia apontavam a associação das mulheres a transtornos alimentares ao desejo da beleza corporal e à busca da magreza para atingir essa beleza. Entretanto, a psicologia e a psiquiatria mencionavam a questão de a mulher buscar a musculatura desenvolvida. A nutrição e a psiquiatria também relacionavam as mulheres aos transtornos alimentares, principalmente, em função do desejo de manterem seus corpos magros, com o propósito de atingirem a beleza.

Ainda, constatamos que não foi possível falar da mulher que busca a hipertrofia muscular sem relacioná-la ao homem, visto que a maioria dos artigos analisados tinha, como foco, a vigorexia entre os homens. Ter um corpo musculoso, característica que foi associada à força e à masculinidade pela cultura, não era a prioridade das mulheres e, portanto, entendemos que a comunidade científica não se preocupou em pesquisar a possibilidade do desenvolvimento da vigorexia entre as mulheres na mesma proporção em que o fez em relação aos homens.

Hoje, no entanto, mulheres e homens passaram a ocupar os mesmos espaços e a buscar a maleabilidade dos corpos como resposta a uma exigência da sociedade e ao seu desejo de superação de limites, a aptidão. A busca pela hipertrofia muscular surge como uma questão de desejo de atingir o corpo saudável, mas migra para um limite entre saúde e transtorno, sendo esse apresentado, no DSM-V e na CID 11, como uma preocupação do saber médico com comportamentos obsessivos e compulsivos que possam comprometer a saúde da população.

A análise das enunciações presentes nos artigos científicos nos permitiu verificar que, em sua formulação, principalmente em relação à produção de corpos de homens e de mulheres, estão fortemente presentes as tecnologias do poder e as tecnologias de si (considerando a relação dos indivíduos consigo mesmos e com os outros) determinando as condutas dos indivíduos. Dessa forma, os discursos científicos e os discursos de gênero estabelecem modos de ser e de estar dos indivíduos, reforçando o binarismo homem/mulher quando nos referimos à produção de seus corpos.

As motivações para a produção do corpo musculoso, as quais podem levar à vigorexia, são variadas e não podem ser generalizadas como um problema de saúde e social. Todavia, essa é uma temática que precisa estar presente nas diferentes instâncias culturais, até mesmo, para que haja possibilidade de discussão sobre a diversidade de corpos existentes e da significação das diferentes práticas corporais, bem como sobre práticas de subjetivação e a forma como o discurso que se refere à beleza corporal e à saúde vão interpelando os indivíduos.

Referências

ALFANO, L. *et al.* The impact of gender on the assessment of body checking behavior. **Body Image**, v. 8, p. 20-25, 2011.

- ALTMANN, H. Atividades físicas e esportivas e Mulheres no Brasil. **Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil**. Brasília: Programa das Nações Unidas-PNUD, 2017.
- ANDERSON, C. B.; BULIK, C. M. Gender differences in compensatory behaviors, weight and shape salience, and drive for thinness. **Eating Behaviors**, v. 5, p. 1-11, 2004.
- APA-AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais DSM 5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ASSUNÇÃO, S. S. M. Dismorfia Muscular. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 24, supl. III, p. 80-84, 2002.
- BABUSA, B.; Et al. Differentiating the levels of risk for muscle dysmorphia among Hungarian male weightlifters: A factor mixture modeling approach. **Body Image**, v. 12, p. 14-21, 2015.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BEHAR, R.; ARANCIBIA, M. Body image disorders: anorexia nervosa versus reverse anorexia (muscle dysmorphia). **Revista Mexicana de Trastornos Alimentarios**, v. 6, n. 2, p. 121-128, 2015.
- BRAVO, F.; DOMINGUES, J. V. Concepções de beleza para adolescentes anoréxicos(as) e bulímicos(as) em uma escola na cidade de Rio Grande/RS. **RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 4, ed. especial, fev., p.1-16, 2018.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.
- DEBORD, G. **A sociedade do Espetáculo**. 2003 Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>. Acesso em 20 out. 2017.
- FERREIRA, J. E. S.; VEIGA, G. V. Eating disorder risk behavior in Brazilian adolescents from low socio-economic level. **Appetite**, v. 51, n. 2, p. 249-255, 2008.
- FOUCAULT, M. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault: Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999b.
- FOUCAULT, M. **Os Anormais: curso no collège de France**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- FOUCAULT, M. **Em defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005b.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2006.
- FOUCAULT, M. Dos Suplícios às Celas. In: POL-DROIT, R. **Michel Foucault Entrevistas**. São Paulo: Graal, 2006b.
- FOUCAULT, M. 1984: Foucault. In: MOTTA, M. B. (Org.). **Michel Foucault: Ética, sexualidade e política - Coleção Ditos e Escritos, V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.
- FREITAS, C. M. S. M.; Et al. O padrão de beleza corporal sobre o corpo feminino mediante o IMC. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 389-404, jul./set. 2010.
- GONZÁLEZ-MARTÍ, I.; Et al. Validation of a Spanish version of the Muscle Appearance Satisfaction Scale: Escala de Satisfacción Muscular. **Body Image**, v. 9, n. 4, p. 517-523, 2012.
- GRESPLAN, C. L. **Mulheres no Octógono: Performatividades de corpos, de gêneros e de sexualidades**. Curitiba: Appris, 2015.
- HILDEBRANDT, T.; Et al. Presence of muscle dysmorphia symptomology among male weightlifters. **Comprehensive Psychiatry**. v. 47, n. 2, p. 127-135, 2006.

- IBARZÁBAL, F. A.; TUBÍO, J. C. C. Imagen Corporal en Varones Fisicoculturistas. **Acta Colombiana de Psicología**, v. 11, n. 1, p. 75-88, 2008.
- JAEGER, A. A.; GOELLNER, S. V. O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 3, 3p. 955-975, set./dez, 2011.
- KELLEY, C. C.; Et al. Drive for thinness and drive for muscularity: Opposite ends of the continuum or separate constructs? **Body Image**, v. 7, p. 74-77, 2010.
- LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Campinas: Papyrus, 2007.
- LUPTON, D. Corpos, Prazeres, e Práticas do Eu. **Educação e Realidade**, v. 25, n. 2, p. 15-48, jul./dez. 2000.
- MAGALHÃES, J. C.; RIBEIRO, P. R. C. Saberes e (in)visibilidades dos corpos trans nos espaços educativos. In: CASTRO, R. P. de.; Et al. (Orgs.). Dossiê Educação em Ciências, relações de gênero e sexualidades: velhos conflitos e novos diálogos. **Ensino em Re-Vista**, Uberlândia, v. 26, n. 1, jan./abr. 2019.
- PORTOCARRERO, V. Instituição Escolar e Normalização em Foucault e Canguilhem. **Educação e Realidade**, v. 29, n. 1, p. 169-185, jan./jun. 2004.
- SANT'ANNA, D. B. **História da Beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.
- SANT'ANNA, D. B. **Gordos, Magros e Obesos**. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.
- SCOTT, J. Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.
- SILVEIRA, V. T.; VAZ, A. F. Doping e controle de feminilidade no esporte. **Cadernos Pagu**, v. 42, p. 447-475, jan./jun. 2014.
- SOARES, C. L. A educação do corpo e o trabalho das aparências: O predomínio do olhar. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M.; VEIGA-NETO, A.; SOUZA FILHO, A. (Orgs.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

Recebi do em: 03/06/2020

Aprovado em: 11/02/2021